A repetição parodística *The parody repetition* *La repetición del parodística*

A tese sobre a violência política e social na América Latina, baseada em livros selecionados de escritores latino-americanos, à luz dos princípios do Marquês de Sade, é acrescida e reconsiderada em alguns de seus aspectos, a partir da leitura e análise do romance *A carne de René*, de Virgílio Piñera, cuja aproximação com Sade se dá pela técnica paródica ao abordar uma realidade cativa, cuja interpretação restrita do ambiente político induz a literatura à busca de formas capazes de mitigar a pressão pelo fim da história e de quaisquer alternativas às ideologias dominantes, demonstrando as possibilidades de contestação e mudança do panorama restritivo.

The thesis about the political and social violence in Latin America, based on selected books of Latin American authors, under the auspice of Marquis de Sade principles, is added and reconsidered in some of its aspects, from the reading and analysis of the novel *"A carne de René"*, by Piñera, Virgilio, whose approach with Sade is due to the burlesque technique when approaching a captive reality, which restrict interpretation of political environment induces to read in search of forms able to mitigate the pressure by the end of the story and of any alternative to the prevailing ideologies, showing the protest possibilities and change of restrictive perspective.

La tesis sobre la violencia política y social en América Latina, basada en obras seleccionadas de escritores latinoamericanos, a la luz de los principios del Marqués de Sade, es incrementada y reconsiderada en algunos de sus aspectos, a partir de la lectura y análisis de la novela *La carne de René*, de Virgilio Piñera, cuya aproximación con Sade se da a través de la técnica paródica al abordar una realidad cautiva, cuya interpretación restricta del ambiente político induce la literatura a la búsqueda de formas capaces de mitigar la presión por el fin de la historia e de cualesquier alternativas a las ideologías dominantes, demostrando las posibilidades de contestación e cambio del panorama restrictivo.

Palavras-chave: Sade, literatura latino-americana, política, violência

Autora:
Rachel Fátima dos Santos Nunes

Doutora em Literatura Comparada pela UFF – Universidade Federal Fluminense – UFF (2006), Professora do Curso de Letras da Universidade Estácio de Sá, com Mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (1999), tendo Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro no Curso Português-Latim e Respectivas Literaturas

E-mail: rachelnsunes@ig.com.br

Síntese de um projeto concluído

"Não lembra a noite em que deixamos as costas europeias pelas americanas?"

Virgílio Piñera, em *A carne de René*

Objetivamos, em nossa tese de doutorado intitulada *Vestígios de Sade – A influência do marquês de Sade na literatura latino-americana*, defendida e aprovada (2006) perante a Universidade Federal Fluminense – UFF, recontar a história da América Latina através de autores selecionados, todos sob o espectro sadeano, que marca suas páginas ora através da temática da violência ora a partir de personagens firmemente decalcados nas observações do marquês, sob o registro discursivo acerca de uma possível natureza humana a fundamentar os valores inerentes a todas as épocas e todas as ações políticas e sociais.

Acreditamos ter deixado claro que, a partir da época das Luzes, conforme demonstrado no livro de Alejo Carpentier, *O século das Luzes*, os ideais iluministas vieram a sobrepor-se àqueles que ainda vigoravam no modo de produção colonial, com o afã primordial de alterar as relações de poder e controlar o continente, após as lutas independentistas, coma força do capital.

A violência sadeana emerge como distinção associada às práticas republicanas, havendo clara conexão entre os livros do marquês e o romance do autor cubano, enquanto críticos de uma suposta evolução que estaria, na verdade, a articular formas mais eficientes de sujeição, exploração e extração de lucro.

O passo seguinte às independências seria a constituição de repúblicas, na verdade acessórias, contingenciadas e periféricas aos interesses do capitalismo já implantado, em pleno desenvolvimento e alçando vãos globalizantes.

Nesse contexto, o romance analisado foi *A festa do bode*, de Mario Vargas Llosa, cujo personagem principal, de caráter tirânico, nada mais faz que exacerbar um modelo de domínio cuja extensão lhe é emprestada ao verdadeiro poder dominante, qual seja, o do capital, cujas matrizes sadeanas reverberam na expressão do ditador, para Llosa um exemplo de degenerescência, mas para nós somente uma consequência plausível do uso do poder do Estado como extensão do poder pessoal, repleto de paralelos na América Latina, cujos déspotas nada esclarecidos não eram mas do que representantes das verdadeiras forças que os entronizavam e de fato governavam, o capital estrangeiro e, mais especificamente, o estadunidense, com sua política dirigista deliberada e assentada pela Doutrina Monroe.

Com a intensificação das lutas populares e, mais importante, a necessidade de criação de mercados mais sólidos e extensivos, as ditaduras vão sendo, paulatinamente, substituídas por regimes “democráticos”, mas corretamente regimes nos quais as elites conciliavam interesses e o capital estrangeiro mantinha sua hegemonia, processo mais intensificado após a derrocada comunista europeia e o conseqüente fim da denominada Guerra Fria.

Tal período de transição é esquadrihado, sob registro sadeano, por Rubem Fonseca, em seu romance *A grande arte*, onde a violência é compreendida como lógica estruturada pelas relações sociais conflitantes, em que as classes dirigentes atuam com liberdade crescente e impunidade garantida, antevendo-se o malogro das demandas de transformação social então correntes. Seus personagens abrangem um amplo espectro de marginais, prostitutas, políticos e empresários, sob o crivo de Mandrake, cujo ceticismo é posto como o outro lado da moeda do cinismo, cujo representante é personagem Lima Prado. As utopias revolucionárias, aqui, perderam sua força e seu sentido, apresentando-se um quadro de desconsolo diante do malogro.

A história se completa com um novo romance de Mario Vargas Llosa, *Os cadernos de don Rigoberto*, cuja tônica é a superação de um passado de preconceitos e crenças inúteis. Com efeito, o personagem que dá título ao romance, Rigoberto, é diretamente inspirado em Sade, conforme afirmou o próprio escritor peruano, mas o livro é dedicado substancialmente a Fonchito, a quem cabe o domínio e o desfecho em aberto para suas próximas aventuras, que não precisam ser contadas porque, como querem os novos ideólogos, a história acabou.

Todos os desdobramentos políticos e sociais, com exemplos retirados dos romances, cotejados ainda com trechos da literatura sadeana, teóricos literários, mais escritos políticos e filosóficos de diversos autores, são utilizados para demonstrar, acreditamos que com sucesso, que: a) Sade é presença obrigatória para pensar não apenas a política como a literatura latino-americana; b) os desdobramentos da Revolução Francesa, com Sade em seu bojo, produziram todo um desequilíbrio de forças políticas e sociais, redundando em uma violência de caráter estrutural e inextirpável do regime das relações existentes, com traços marcantes de teorias caras à gestação e preponderância de classes sociais e os poderes que lhes seriam devidos, como o denominado “darwinismo social” e o “pandemônio étnico”, de um lado justificando a emergência e manutenção dos poderes constituídos, mesmo que discricionários, e de outro a condição servil dos povos de “natureza inferior” e além de tudo “miscigenados” da América Latina; c) a violência, tratada como traço marcante da “natureza humana”, justificando sua manifestação através de períodos históricos assim homogeneizados, deriva, na verdade, não dessa suposta “natureza”, mas de relações sociais historicamente dadas e beneficiários que ajustam as crônicas dos tempos às suas necessidades; d) a literatura latino-americana, diretamente engajada ou não, é marcada pelos desdobramentos históricos retro mencionados, reverberando seus problemas e colocando-se como expressão estética das questões existentes, quer para indicar nossa especificidade e a necessidade de superar “obrigações” históricas que nos são exteriores (cfe. *O século das luzes*), quer para demonstrar a complexidade dos problemas nos quais naufragamos sem esperanças à vista (cfe. *A festa do bode* e *A grande arte*), ou ainda para inventariar teias de enganos para apontar um futuro sem história (cfe. *Os cadernos de don Rigoberto*).

Sade une todo esse itinerário com seu traço ao mesmo tempo utópico e anti-utópico, revolucionário e reacionário, pseudocientífico e literário tendente à filosofia. Nesse interregno,

conforme demonstrado, não houve autor mais presente e mais considerado, mais inerente aos problemas latino-americanos, e que mais representasse, por um lado, o poder a ser combatido e, por outro, o poder a ser conquistado.

O texto, na íntegra, pretendemos publicar em livro, com as alterações necessárias à leitura de um público não especializado e afeito à linguagem característica de uma tese, com suas obrigações técnicas.

O conteúdo, porém, não se encerra, sugerindo desdobramentos através da leitura de outros autores, pois, conforme procuramos demonstrar, a temática da violência, com suas ramificações políticas e sociais, avulta como essencial à compreensão, ou a menos abordagem, dos problemas continentais, com todas suas especificidades. Daí as novas análises que agregamos a seguir, após a leitura de um romance, recentemente publicado no Brasil, mas cuja primeira edição veio à luz em Buenos Aires, em 1952, apesar do autor ser cubano (talvez por isso mesmo, uma vez que em Cuba vigorava uma ditadura “amiga” dos norte-americanos, com suas “agências” de Estado e sua Máfia); o livro é *A carne de René*, e o autor é Virgilio Piñera, conforme analisaremos a seguir.

A repetição parodística

“Na vida tem de se amar a vida, nunca deixe de amar a vida, lembre-se disto, quem gosta da morte são os fascistas”

Antonio Tabucchi, em *Tristano morre*

Podemos objetar, diante do acréscimo de novas referências, acerca da mera repetição de argumentos já oferecidos, portanto supérfluos, que em nada acrescentariam à idéia original. É conhecida a *boutade* marxista, segundo a qual a história não se repete ou, se isso ocorre, ela se repete como farsa. Os possíveis desdobramentos da tese viriam, portanto, a lançar uma luz fariáica sobre as luzes originais, da Ilustração, relativas ao período anteriormente analisado, com seu desenvolvimento científico e teórico a moldar as novas relações sociais a partir do século XVIII, a partir do qual o capitalismo engendrou sua lógica e começou a perpetrar seu discurso de “fim da história”.

Mas a leitura, recentíssima, do volume lançado pela Editora Arx em 2003, com tradução de Eric Nepomuceno, de *A carne de René*, acrescenta dados novos, que perpassam boa parte dos volumes anteriormente selecionados, como paródia peculiar não apenas da história sob a marcha das revoluções, combinada com as estruturas de um romance de formação que, aliado à investigação ideológica, lança novas perspectivas de desdobramento de um olhar literário cujo rigor estético alimenta matizes anteriormente combinados de forma mais expressionista.

O romance de Virgilio Piñera possui traços comuns com todos os romances anteriormente dispostos: da mesma forma que *O século das Luzes*, discute as matrizes ideológicas da conservação e da revolução em conflito não apenas para mudar a sociedade, mas para constituir novas hegemonias e perpetuar formas de poder; como *A festa do bode*, examina as características do totalitarismo político; a exemplo de *A grande arte*, dissecas as conseqüências do prolongamento do domínio discricionário sobre uma sociedade aturdida; e, afinal, como em *Os cadernos de Don Rigoberto*, desconfia das conseqüências de qualquer ação política nas análises subjetivas dos sujeitos postos como indivíduos.

Mas há um detalhe: Virgilio de tudo se acerca de maneira parodística. Certamente por viver e escrever como latino-americano, logo sujeito a todas idiossincrasias possíveis aos regimes autoritários do continente, sua abordagem não se afigura como

realista, e suas paródias são revestidas por intrincadas metáforas, sem contudo esmaecer a ambigüidade imprescindível à analítica mais matizada.

Apesar do livro ser datado de 1952, mas uma vez temos exemplo de uma pré-ciência, uma tendência à revelação, à profecia, comum a muitos escritores, em qualquer época. A arbitrariedade dos regimes políticos descritos no livro e a sede de libertação do personagem principal, René, apontam para períodos mais adiante, como a própria Revolução Cubana, as manifestações globais de 1968, a emergência da juventude como força contestadora sob princípios hedonistas, as estruturas policiaesca de ditaduras à direita ou à esquerda...

Apesar de engajado na Revolução Cubana, o espírito crítico do autor, mesmo em sua visão prévia, alimenta a dissensão, o olhar crítico diante das artimanhas políticas de situação *versus* oposição, ambos movidos pela mesma sede de poder, possuindo seus discursos ideológicos como simples álbis necessários à tomada e manutenção do poder institucional. Com isso, realiza notável síntese dos livros já relacionados, e mais: pela via paródica, de verve humorística, põe a nu as limitações das melhores intenções e as fragilidades das melhores contestações, tudo a exigir um olhar mais penetrante, arguto, diante de um universo que conjuga seus verbos fundados na mais risível arbitrariedade, cuja comicidade ganha ares trágicos coma a aplicação brutal de seus aparelhos militares.

Sintetizemos o romance: René é apresentado como um rapaz puro, como um homem primitivo de Jean-Jacques Rousseau, isento de qualquer maldade interior, avesso à violência, curioso acerca do mundo e pronto para experimentá-lo com prazer. Traços compatíveis aos jovens herdeiros de *O século das Luzes*, sendo René também um herdeiro, mas do desconhecido, pois seu pai, Ramón, o preparou durante anos para cumprir um papel que só lhe será revelado ao final de sua adolescência, qual seja, manter e liderar uma luta revolucionária contra os inimigos da Grande Causa, cujos fundamentos tem um que de patético e, na verdade, revelam o grau de arbitrariedade nos fundamentos quer dos revolucionários quer dos conservadores: a motivação é a proibição do consumo de chocolate, tido pelo poder instituído como prejudicial à saúde, embora seus líderes o bebam diariamente; em oposição, aqueles que querem destituir o regime em razão dessa proibição, na verdade não bebem chocolate: devotam-se apenas à carne, como alimento e como substância do ser.

Em qualquer regime político, vigora a virtude do sofrimento em silêncio, do sacrifício pela Causa, assim mesmo, em maiúsculo; o caminho de René é "ascender à carne" pela via do sofrimento, oferecendo seu martírio como exemplo, pois seu destino é liderar a revolução. Seu pai assinalara a condição de perseguidos e perseguidores, duas e a mesma; na página 216 do romance, Virgílio explicita que "*Somos os grandes perseguidos à espera de tornar-nos grandes perseguidores*"; esta é, essencialmente, a ética da luta política fundada na absurdidade de seus propósitos.

Para a surpresa de René, o mundo que não conhecia não estava a sua disposição como um mercado de alegria e prazer, mas como um mundo de dor; quanto mais puros e engajados os seus princípios, mas dor poderia esperar, sendo ela mesma o finalidade mesma da própria luta. Seu aprendizado é mais um recrudescimento à barbárie real que a seu olhar absorvente foi velada pelo distanciamento imposto pelo pai, à guisa de manutenção de um território sem arestas a aplainar.

Mas pelo que lutaria René? Pelo valor da carne, valor este apresentado no livro como uma corruptela do materialismo científico, de um positivismo abastardizado pelo fanatismo, fórmula

comum de vários regimes análogos ao de Trujillo na República Dominicana. Como avaliar esses terrores? Como uma repetição, não trágica, não farsesca da história; como paródia de uma situação dada que, ao se repetir, acrescenta mais arbítrio aos fatos que ganham matizes mais e mais surrealistas sem que, contudo, degenerem no "realismo mágico" que veio a se tornar a marca da literatura latino-americana, principalmente após o estouro mundial de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, estética carregada de auto-indulgência e certa condescendência ao destino comum ao continente.

Sendo eleito como descendente de um pai aplicado às estratégias terroristas para derrubada do Estado, a René cabe o mesmo destino, o de morrer pela causa, não pela vitória. O objetivo é a morte em si, mas menos que isso: é o sofrimento máximo antes da morte. A cartilha guerrilheira foi bastante difundida na América Latina por Ernesto Che Guevara após a Revolução Cubana, mas o livro é anterior a ela e mesmo à juventude do próprio argentino, mas cujos textos sobre a pureza do guerrilheiro não diferem muito, por exemplo, àqueles que servem à educação dos *marines* norte-americanos; chamamentos à pureza dos princípios do guerrilheiro, sua abnegação, sua anulação como sujeito, prestação de serviço à idéia superior, seja ela a nação ou a causa operária mundial, levando ao cotidiano de duras funções, julgamentos sumários, execuções idem, sentido de hierarquia, ausência de questionamento dos que ostentam patentes superiores... Um contra-poder construído à imagem e semelhança do poder constituído, com seu totalitarismo e indisposição ao questionamento de seus princípios.

Nesse contexto, Virgílio combina elementos das lutas revolucionárias da história, como o fascismo italiano, o nazismo alemão, o stalinismo, sem esquecer todos os demais fundamentalismos, de caráter religioso, político ou supostamente baseado em teorias racistas, para abordar não um pandemônio étnico, mas outro, histórico, concentrado em um território não nomeado, mas americano (aparentemente do norte, mas repleto de nomes e traços culturais do sul). Em paralelo, reporta-se à construção de um personagem, à sua formação, seu contraste com um mundo fundado na violência, não se negando mesmo à zombaria de quaisquer de seus princípios sagrados, como em uma paródia divertidíssima do credo cristão temperado com um suposto materialismo científico, rascunho de ideários positivistas perdidos em delírios de poder, além de descrever uma cena de parricídio não como tabu, mas como recorrência histórica banal, sem qualquer traço traumático.

Depois de uma passagem escolar, tida como sequência de martírios adequados à formação de um adulto apto ao mundo produtivo, René retorna à vida civil com sonhos banalíssimos, porém irrealizáveis. Prossegue em seus ritos iniciáticos, inclusive o sexual, passando pela morte do pai, e aqui finaliza-se sua juventude. O tom não deixa dúvidas: está o autor a brincar não apenas com os gêneros literários, suas formas e convenções, mas também com nossas visões da história e de tudo que comportaria a verdade, a busca da verdade ou a submissão a ela: o mundo da narrativa é possível, mas o objeto narrado possui tal grau de banalidade que o mal só pode ser compreendido como uma metáfora de um poder humano, demasiadamente humano.

Em sua luta vã, o órfão René, depois de um breve interregno como trabalhador em uma loja de luvas, e outro mais breve ainda "estágio" como auxiliar de coveiro, rende-se à carne do mundo, não encontrando alternativas viáveis. Discurso que se repetiria mais de trinta anos depois, com a obsedante frase de Margaret Thatcher, primeira-ministra inglesa: ao regime de re-

lações capitalistas “não há alternativa”. Na página 219 sentenciava-se: “*Não existe justiça, só existe carne*”, frase sadecana ao extremo, um *reductio ad absurdum* de um universo humano restrito à sua materialidade mais evidente, puramente epidérmica, a carne como expressão última de uma cultura sem capacidade de especulações filosóficas.

Elemento essencial à leitura do livro é o signo do duplo; tudo e todos possuem seu duplo, seja uma verdade, uma pessoa, uma mentira... O duplo neutraliza o único, que não existe sem sua imagem, mesmo que imperfeita; de tal forma, a verdade se divide e se evapora, o sentido possível das coisas reside somente naquilo que se perde, que se perdeu. Não é um conceito de caráter psicanalítico; nasce da aversão daquilo que não é polifônico, tanto mais que o recurso ao duplo é utilizado pelos agentes de ambos os lados, não em razão do reconhecimento do outro, mas por exigir a existência de si e de seu oposto, ou de si e de outro a si mesmo comparável, de maneira a eliminar visões equívocas, sem as nódoas ou nuances de uma interpretação livre. O duplo em Virgílio pode ser o oposto de si como também o que se espera de si, mas também o que se projeta de si; é a reverberação do medo, e ainda o conforto da continuidade. Não existe o ser sem seu duplo, o replicante parodístico da identidade, polifilo que naverse somente naquilo que se perde, que se perdeu. N pessoa, uma mentira... O duplo neutraliza o

Assim, a história se dilui como paródia, e toda abordagem literária se abastece de uma realidade dada a partir de conceitos de dialética pressuposta, mas na verdade inexistente, pois marcada pela objetividade falha, compassada pela filiação ideológica comprometida com a construção de uma estratégia de poder, impossibilitando mesmo um corte epistemológico na história, restando então sua repetição *ad nauseam*, paródia da paródia da paródia.

Está, assim, Virgílio Piñera, muito mais próximo de Sade, também um parodista, cuja visão de uma realidade revolucionária, pervertida pelos sonhos restritamente comerciais, o faz realizar uma crônica acerca dos costumes de uma nova sociedade, de caráter estritamente materialista, devotada à carne e tendo no outro a imagem e semelhança da dor que sente e pretende infligir a este outro. Da mesma maneira age Piñera, prevendo as consequências funestas de ações revolucionárias continentais, não apenas incapazes de contestar a ordem vigente, porque possuidoras de teorias sociais e políticas inerentes àquelas da própria ordem discricionária ora operante e no poder, mas avessas a qualquer crítica das relações existentes, levando aos autores de épocas aparentemente tão distintas, como Sade (contexto da Revolução Francesa) e Piñera (contexto das ditaduras militares da América Latina), à abordagem parodística tanto do passado próximo quanto do presente imediato, com visões certeiras de um futuro envolto nos mesmos compromissos hegemônicos das elites dominantes de cada momento histórico, onde a repetição cíclica acrescenta o humor como contraponto à dolorida sensação de patinar em solo fervente.

Referências bibliográficas

- CARPENTIER, Alejo. *O Realismo Maravilhoso*, in *Literatura e Consciência Política na América Latina*, Global, 1980.
- , *O Reino deste Mundo*, Global, 1949.
- , *O Século das Luzes*, Global, 1985.
- FONSECA, Rubem, *O Cobrador*, Companhia das Letras, 1999.
- , *Contos Reunidos*, Companhia das Letras, 1998.
- , *Feliz Ano Novo*, Companhia das Letras, 1993.
- , *A Grande Arte*, Companhia das Letras, 1997.
- LLOSA, Mario Vargas. *Os Cadernos de Don Rigoberto*, Companhia das Letras, 1998.
- , *A Festa do Bode*, Mandarin, 2000.
- , *A Linguagem da Paixão*, ARX, São Paulo, 2002.
- PIÑERA, Virgílio. *A carne de René*, ARX, São Paulo, 2003.
- SADE, Donatien Alphonse François de. *Les Cent-Vingt Journées de Sodome*, Union Generale d'Édition, 1975.
- , *Confissões*, Itatiaia, 1990.
- , *Contos Libertinos*, Imaginário, 1997.
- , *Contra O Ser Supremo*, Estação Liberdade, 2001.
- , *Os Crimes de Amor*, Imaginário, 1998.
- , *Discursos Ímpios*, Imaginário, 1998.
- , *A Filosofia na Alcova*, Iluminuras, 1999.
- , *Historia de Juliete*, Imaginário, 1971.
- , *Justine ou as Desgraças da Virtude*, Entrelivros Cultural, 1970.
- , *Novelas de Sade*, Difusão Européia do Livro, 1990.
- , *Oeuvres Complètes*, Paris, Jean-Jacques Pauvert, 1988.